

Reflexos tardios

SEXTA-FEIRA, 18 DE MARÇO



O governo japonês admite que poderia ter reagido mais rapidamente ao terremoto e ao tsunami que desencadearam uma crise nuclear ao danificar a usina de Fukushima. O governo informou que os planos de contingência não conseguiram antecipar a escala do desastre.



Flor do entulho. Um improvável guarda-chuva vermelho aparece nas ruínas de Kamaishi dias depois de o tremor e o tsunami devastarem a área

Lições do círculo de fogo

Viver sobre uma terra sempre trêmula ensinou japoneses a enfrentar com ordem e determinação situações extremas

CAROLINA ROSSETTI



**Entrevista
Andrew
Gordon**

HISTORIADOR DA UNIVERSIDADE HARVARD E AUTOR DE *THE MODERN HISTORY OF JAPAN E THE WAGES OF AFFLUENCE*

Habitantes de um arquipélago incrustado no chamado “círculo de fogo”, com passados milenares de tsunamis, terremotos e tufões, os japoneses são um povo consciente de sua vulnerabilidade, garante o historiador americano Andrew Gordon. E é justamente esse profundo entendimento dos perigos de viver sobre uma terra trêmula que os reveste de constante “sentido de prontidão”, completa o pesquisador do Instituto Reichauer de Estudos Japoneses, da Universidade Harvard.

Gordon não tem dúvida de que o preparo para lidar com situações tão extremas é lição tirada do passado sísmico. Em 1923, o terremoto Kanto, considerado a pior calamidade natural já enfrentada pelo país, matou 145 mil pessoas e ajudou a definir a vida no Japão moderno. Até hoje a data de aniversário desse tremor, no mês de setembro, é reservada ao treinamento de segurança em escolas e empresas. Não é à toa que, apesar da magnitude da destruição causada pelo recente terremoto, seguido de tsunamis e também de ameaça nuclear, a operação de resgate dos sobreviventes e a busca dos desaparecidos tem se dado com surpreendente calma e organização. “Nem sempre foi assim”, explica Gordon, também autor de *A Modern History of Japan* (Oxford University Press, 2003), atentando para o fato de que muitos foram os anos de desordem e caos japoneses. “Essa sociedade ordenada que vemos agora é fruto do aprendizado social do pós-guerra.”

Foi também da necessidade de reerguer um país dilacerado por duas bombas atômicas que a sociedade japonesa, em meio aos esforços de reconstrução daquela que já assumiu o posto de segunda maior economia global, finalmente reconstruiu a unidade e construiu seu orgulho nacional. Talvez agora, calcula o professor, se o governo conseguir manejar com eficiência a crise nas plantas nucleares do complexo Fukushima-Daiichi, tenha enfim chegado a hora de reconquistar o orgulho ferido pelo mal-estar das duas longas décadas de estagnação econômica. E, de quebra, os governantes poderão finalmente recuperar o prestígio perdido.

● **Japoneses parecem ser veteranos em catástrofes. Até que ponto a instabilidade da vida nesse superpovoado arquipélago se traduz nas relações sociais que definem a identidade japonesa?**

Os japoneses estão, sim, conscientes de sua vulnerabilidade. Mas, tendo vivido nove anos no Japão e com muitos amigos lá, custo a acreditar que isso seja um traço definidor do caráter japonês. Agora, é verdade que esse profundo entendimento dos perigos da vida nas ilhas se manifesta no cotidiano do povo na forma de um sentido de prontidão. Eles sempre estão, em alguma medida, preparados para responder a uma crise. E isso tem explicação histórica. Em 1923 o terremoto Kanto atingiu a maior ilha do país, Honshu, e é considerada a pior calamidade da história japonesa. O tremor, que matou 145 mil pessoas, ajudou a definir a vida no Japão moderno.

Desde então, o aniversário do tremor, 1º de setembro, é dedicado ao treinamento contra terremotos. Nesse dia, todas as escolas e empresas são esvaziadas em exercícios de segurança. Mas às vezes mesmo todo esse preparo se eclipsa. Quando o terremoto Hanshin atingiu Kobe, em 1995, a resposta do governo não foi a melhor. As autoridades, alimentadas pela arrogância, se recusaram a pedir ajuda aos estrangeiros e organizações privadas. Mas o governo não era capaz de lidar sozinho com a situação e a população se surpreendeu com a ineficiência de seus líderes e o despreparo do país. O que impressionou então foi a participação da sociedade civil nos trabalhos de resgate. Esse papel foi reconhecido e mudanças legislativas que facilitaram a atividade de ONGs e fortaleceram a sociedade civil foram postas em prática. Em relação ao desastre de agora, vemos que o Japão avançou muito. O resgate é organizado, as pessoas foram encaminhadas para abrigos, a distribuição de comida funciona e as estradas logo estavam de novo transitáveis. Não houve sacos nem pânico. Parece que as autoridades aprenderam com o passado.

● **É comum que catástrofes sejam sucedidas pelo enfraquecimento da ordem social. Saques foram problema depois do furacão em New Orleans, do terremoto no Haiti e das tempestades no Rio. Como evitar tanta ordem e disciplina no Japão diante da desgraça?**

Os japoneses têm em si uma determinação em perseverar, resistir. Não me surpreenderia com uma manifestação de ira aguda em relação ao modo como certos aspectos da crise nuclear estão sendo administrados. Mas por hora as críticas estão silenciadas e prevalece um sentimento, um pacto social de manter a ordem e a calma. O interessante de observar é que esse comportamento não está impresso no DNA da cultura japonesa, não é uma característica milenar. É fruto de um aprendizado social. No último meio século os japoneses assumiram um compromisso com a ordem no país, processo esse diretamente ligado a um projeto educacional do governo no pós-guerra. No final dos anos 40 os índices de criminalidade e delinquência em Tóquio eram altos. Existia também uma disputa política hostil e brigadas no Parlamento eram muito comuns.

Muitos outros períodos da história do Japão também são marcados pela desordem. Há registros do começo do século 20, quando os carros foram introduzidos na capital, que retratam as ruas de Tóquio como cenas urbanas de caos e destruição, com carros desgovernados se chocando violentamente uns contra outros. Hoje, é espantoso ver a organização das estações de metrô. O trem chega e as pessoas estão organizadinhas em fila indiana, respeitando as inscrições no chão da plataforma que indicam o espaço para esperar em cada porta do vagão. Essa sociedade que vemos agora, com esse jetto ordenado de se conduzir, é uma conquista relativamente recente.

● **Segundo o depoimento de um sobrevivente do tsunami no jornal *The New York Times*, ‘os japoneses raramente sentiram orgulho de seu país desde a 2ª Guerra. Mas agora estão tentando defender a nação juntos... orgulhosos de sermos japoneses de novo’. Esse episódio poderá unir o povo?**

Um sentimento de determinação poderá emergir desse acontecimento se a recuperação for marcada por eficiência e inovação. Isso trará um certo orgulho e uma mudança positiva na autoestima do japonês. Mas acho exagero dizer que os japoneses não sintam orgulho de ser japoneses desde o fim da guerra. Minha noção: Dos anos 50 aos 80 existiu um orgulho enorme no Japão pela capacidade de o país se reconstruir de-

pois da guerra e reassumir seu papel no mundo como uma nação pacífica, se tornando a segunda maior economia global. Aliás, o orgulho no final dos anos 80 era tão exacerbado que podemos falar de arrogância japonesa. Sem dúvida esse orgulho foi ferido nos últimos 20 anos e existe um mal-estar disseminado por conta da estagnação econômica.

● **Esse desastre pode significar uma oportunidade de retomada do crescimento japonês? Reconstruir sempre impulsiona a economia. O governo deverá disponibilizar uma linha de crédito para que as pessoas reconstruam suas casas, o que levará ao surgimento de construções modernas no lugar das antigas. De certo modo, em toda a história moderna japonesa há a posição de olhar para o mundo, ver como as coisas são feitas e incorporar as técnicas que parecem mais eficientes. Agora, se essa reconstrução vai se dar além do que foi perdido e representar, de fato, um crescimento e inovação, ainda não há como saber.**

● **Até que ponto o vazamento de material radioativo em Fukushima reavivou na memória coletiva a situação de vulnerabilidade do país depois dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki?** Essa é uma conexão muito lógica e é difícil negar que esse medo não esteja presente agora. Mas ainda estou tentando entender a calma dessas pessoas. Se o vazamento tivesse acontecido nos Estados Unidos, os moradores a 200 quilômetros da planta estariam fugindo como loucos. Os habitantes da região de Sendai num raio de 20 quilômetros só deixaram a área a pedido do governo, e nos 10 quilômetros seguintes, não. Se o trauma deixado por Hiroshima e Nagasaki estivesse tão fresco na memória coletiva, por que essas pessoas não estariam fugindo em massa? Uma hipótese é que elas estejam muito mais bem informadas que nós sobre os reais perigos dos diferentes níveis de exposição à radiação. As leituras postadas no site do governo a cada hora mostram índices relativamente baixos. Talvez os japoneses entendam as diferenças entre os níveis perigosos e os inexpressivos precisamente por causa dessa experiência anterior com as bombas atômicas.

● **Há notícia também de moradores das cidades mais atingidas pelo tsunami e terremoto que, mesmo tendo família e amigos em localidades mais seguras e menos devastadas, querem ficar e ajudar a reconstruir suas cidades por um sentimento de lealdade aos vizinhos e empregadores. Quão forte é a mentalidade de grupo na sociedade japonesa?** Isso não me surpreende tanto quanto a questão nuclear. Os japoneses são um povo com um forte sentimento de comunidade. A população do norte do Japão, perto das áreas atingidas, diminuiu muito nos últimos 70 anos devido a movimentos migratórios. Então esse sentimento de pertencimento, esse enraizamento, é ainda mais forte entre os que permaneceram e decidiram fazer ali seu lar. Estes têm um compromisso muito poderoso com aquela terra.

● **Mesmo a busca pelos desaparecidos está sendo conduzida com aparente calma. Essa aceitação da tragédia é de alguma forma explicada pelo entendimento budista da morte?** Os japoneses são muito discretos quanto a sua religião. Eles não vestem a camisa de suas crenças em público. Não acredito que o sentimento religioso esteja no coração da reposta ao desastre. Posso estar errado. Existe um livro famoso, *The Rush Hour of the Gods*, que mostra como, no final da 2ª Guerra, ao longo dos anos 40, houve um despertar de novos cultos e um crescimento da religião. As pessoas estavam desesperadas com a derrota do país. Então, será interessante observar se esse trauma vai impulsionar um movimento de aproximação com a religião em busca de algum conforto e significado. Pode ser que aconteça, porque assim foi no passado.

● **As autoridades estão sendo acusadas de não comunicar devidamente ao público os riscos da radiação. Existe descontentamento com o governo?**

Mesmo antes do terremoto o governo vinha perdendo muito prestígio e popularidade, tornando-se, aos poucos, insignificante para algumas esferas da sociedade. No curto prazo, parece que as pessoas estão colocando essas críticas de lado na intenção de fazer o melhor para lidar com a tragédia. Estão se esforçando para apoiar e confiar em seus líderes. Essa poderia ser uma grande oportunidade para o governo reconquistar o apoio perdido. Mas não está claro se isso está acontecendo. Se o desastre tivesse se limitado ao terremoto e ao tsunami, diria que haveria mais chances de mostrar liderança, mas com a crise nuclear a situação está difícil de controlar. Minha expectativa inicial era de que o governo seria impulsionado pela tragédia e consolidaria uma nova unidade.

A rosa de Fukushima

Crise prova ser impossível estabelecer padrões de segurança completa em usinas atômicas, diz historiador da corrida nuclear

IVAN MARSIGLIA

Vencedor do prêmio Pulitzer de 2006 com uma biografia definitiva de J. Robert Oppenheimer, o pai da bomba atômica americana, o historiador Martin Sherwin tem acompanhado com particular interesse os desdobramentos da tragédia no Japão. Professor da George Mason University, em Washington, e ex-docente da Walter S. Dickson e Tufts University, ele é especializado na corrida armamentista que se seguiu à 2ª Guerra Mundial – e identifica nas reações do povo japonês nos noticiários o “trágico paralelismo” entre o acidente nuclear em Fukushima e o trauma histórico dos bombardeios de Hiroshima e Nagasaki pelos EUA em agosto de 1945.

Na entrevista a seguir, o autor de *Um Mundo Destruido: Hiroshima e seu Legado* (não lançado no Brasil) afirma que, pensando de trás e de frente, o resultado da descoberta da fissão nuclear tem sido “um grande desapontamento” e que a maneira como o Japão se recuperou do acidente em Fukushima vai redefinir os debates em torno do uso da energia nuclear no mundo – hoje definido muito mais por critérios políticos que científicos ou econômicos. “A afirmação de que é possível estabelecer padrões de segurança completa é uma mentira.”

● **O incidente em Fukushima suscita que tipo de reflexão?**

O enorme dano causado no Japão pelo terremoto, o tsunami e, então, as explosões nas plantas nucleares de Fukushima evocam sem dúvida Hiroshima e Nagasaki. Ninguém precisa ser um historiador que escreveu sobre esses temas, como eu, para se dar conta desse trágico paralelismo.

Sol destronado

Imagem apocalíptica de Canetti permanece tragicamente contemporânea diante do tsunami e do derretimento, até aqui parcial, mas já prenhe de catástrofe, das plantas nucleares de Fukushima

FRANCISCO FOOT HARDMAN

Esqueamos por ora o infográfico. Deixemos, se possível, as imagens adormecerem. Geografia rompiu sob signos da catástrofe. Cidades desaparecidas. A própria ideia de paisagem desfeita em segundos. Holocausto nipônico. A dor sem medida, cá, dáveres que não se contaram jamais. Extremo Oriente que confiou seu destino ao Ocidente, que por sua vez se espelhou na civilização daquele arquipélago como seu modelo extremo. Mesmo se “perdidos na tradução”, e até por isso, desçamos ver o Império do Sol Nascente como nosso mais perfeito Extremo Ocidente. Como num velho gíbi de Tóquio, comprado um dia no mercado de Pinheiros, aparecia a roca da história entre fios e fumaça, numa ordem de páginas, figuras e ideogramas de trás para frente, roca assim suspensa no tempo dos haicais levitantes e dos destinos lúcidos. Tempo já então inexistente. Destinos alucinados.

O contrário do que se veicula, não há ironia nessa história, pois quando fatos ocorrem tão graves em sua presença incontrolável, eles são pura tragédia irradiada em dimensão solar. São fatos totalitários em seu veto absoluto a qualquer recurso de salvamento. Nenhum grande desastre ecológico ou humanitário é irônico. Irônica poderia ser, sim, nossa persistente denegação do óbvio, a razão instrumental, “inovadora e progressista”, para sempre perdida entre os órfãos de Hiroshima-Nagasaki e entre os heróis anônimos dos reatores de Fukushi-



Dias contados? 'Critérios políticos, não científicos ou econômicos, determinam a opção pelo nuclear'

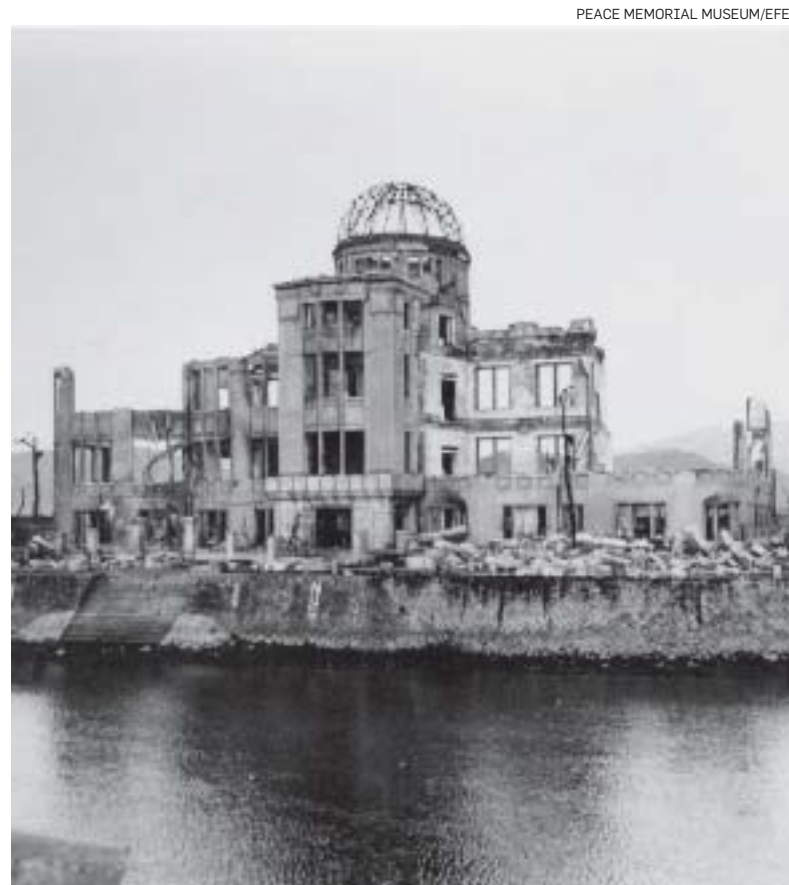


**Entrevista
Martin
Sherwin**

HISTORIADOR, AUTOR DE *PROMETEU AMERICANO: TRIUNFO E TRAGÉDIA DE J. ROBERT OPPENHEIMER E UM MUNDO DESTRUIDO: HIROSHIMA E SEU LEGADO*

bém protestou. Tais declarações podem abalar as relações entre esses países? Duvido que a pressão americana por relações mais acuradas possa desgastar as relações com o Japão. Tensioná-las temporariamente, talvez; mas danificá-las, não. Até porque, no fim das contas, um acidente nuclear resulta na liberação de radiação na atmosfera. E muito mais uma questão global do que assunto nacional. Veja que já há relatórios dizendo que a radiação emitida em território japonês em breve chegará à Califórnia. Por isso, eu aprovo a pressão americana e considero igualmente bem-vindas as manifestações da China. Tudo deve ser transparente no domínio nuclear. É algo tão sério que o mundo deveria evoluir para um órgão internacional que controlasse de fato o desenvolvimento atômico – ideia que Oppenheimer já defendia em 1946.

● **Analistas dizem que, ao contrário do desastre de Chernobyl, ocorrido em um país de baixa tecnologia como a Ucrânia, o acidente no Japão pode colocar em questão o uso da energia nuclear no mundo. O sr. concorda?** Concordo que o que houve com as plantas nucleares japonesas é um alerta geral: a segurança absoluta, no que se refere à energia nuclear, é impossível. A afirmação de que é possível estabelecer padrões de segurança completa é uma mentira.



com uma imagem que permanece tragicamente contemporânea diante do tsunami e do derretimento, até aqui parcial, mas já prenhe de catástrofe, em germe e em memória, das plantas nucleares de Fukushima: “O Sol destronado – é o último mito vivo sendo destruído. A luz foi destronada e a bomba atômica tornou-se a medida de todas as coisas”. Mais que isso, poderíamos agregar: o Japão condensa, em sua história, entre agosto de 1945 e março de 2011, a narrativa desse domínio do desmedido, da queda solar e do caráter destrutivo como vareta mais exposta da magia do progresso.

Hiroshima, 1945. Invisível como a ‘energia mais limpa do planeta’, o medo volta a percorrer corações e mentes

● **Outros sustentam que a energia nuclear é segura e menos danosa ao meio ambiente. Quando todos os custos são considerados – eu digo, todos eles –, a energia nuclear é provavelmente a forma mais cara de produção de energia. É mais limpa que a queima de carvão? Não quando a possibilidade de acidentes como o que estamos vendo é contabilizada. E mesmo o carvão pode ser queimado de forma “limpa”, embora custe mais caro. Ainda assim, sua energia é mais barata e segura que a das usinas nucleares. Mas as melhores fontes de energia limpa são o sol e o vento, entre outras.**

● **O Japão já é um dos países mais avançados na produção de energia limpa e responsável por 50% da energia solar gerada no mundo. Essa semana, a Alemanha, a Suíça e até a China suspenderam temporariamente seus programas nucleares. Estaríamos presenciando o ocaso da era nuclear, que teve início no século 20?** Possivelmente. O problema é que as decisões relativas ao uso de energia nuclear são políticas – não são científicas, nem estritamente econômicas. Ciência e economia são manipuladas para fundamentar argumentos, tanto dos pró como dos opostos – ao uso da energia nuclear. Sendo que os pró detêm mais meios econômicos à disposição e estão frequentemente em vantagem em relação aos contras.

Dos impressionantes relatos que o escritor Charles Pellegrino recolheu de sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki, em sua provocadora obra *O Último Trem de Hiroshima* (2010), sobressaem a experiência e sensibilidade do antigo engenheiro naval nas fábricas bélicas daquelas cidades Tsutomu Yamaguchi, falecido aos 93 anos no ano passado, carpinteiro, professor e pacifista depois do caos, uma das raras vítimas duplas a sobreviver aos dois ataques atômicos dos EUA. Em seus escritos e pinturas, externou a ideia simples de que, independente da insânia de governos e perpetradores, o poder nuclear não poderia jamais seguir se reproduzindo no mundo.

Nenhuma razão é capaz de justificar o risco do horror total como forma de “disuasão” no plano militar ou de “energia alternativa” no plano da economia civil. Nenhum diagrama é capaz de encenar a ilusão do controle. Pois nossa vã ciência caminha ainda às cegas por tentativa e erro, que no caso de agora pode variar entre 20 e 80 quilômetros... E um erro aqui não é só letal. É o fim da ordenação suprema desse totalitarismo solar.

A sociedade civil, juventude à frente, não deve temer o medo. Dar razão ao medo, eis o desafio. Perseverar ouvindo o que pode nos dizer o medo, pela voz das vítimas. Ou pelo rastro do aroma matinal da breve cerejeira em flor. Para que venha a medrar outro mundo. Mar outro. Madrugada de verdades menos robóticas e de sons de cidadãos verdadeiramente livres. De toda essa parafarmácia obscuramente iluminista. Livres de toda essa alta tecnologia da morte.

* **FRANCISCO FOOT HARDMAN** É ENSAÍSTA, PESQUISADOR E PROFESSOR DE ESTUDOS LITERÁRIOS NA UNICAMP